

**A CASA DO FRANCANO SÉRGIO FERREIRA, O CIENTISTA QUE FRANCA DESCONHECE**

Sérgio Henrique Ferreira nasceu em Franca, em 1934. Sua mãe Zenith Freire Ferreira era francana, uma das primeiras farmacêuticas do país. Casada com um médico, a família acabou mudando para a capital paulista, onde Sérgio estudou até o colegial e depois veio para Ribeirão Preto, onde formou-se pela Faculdade de Medicina da USP; Logo se tornou membro da equipe da mesma escola, onde integrava o Departamento de Farmacologia. Sua formação em pesquisa em farmacologia começou ali, quando descobriu uma família de peptídeos presentes no veneno de uma serpente brasileira, a *Bothrops jararaca*, que potencializava fortemente os efeitos da bradicinina. Seu trabalho nesta área abriu caminho para o desenvolvimento de uma nova classe de medicamentos anti-hipertensivos, o captopril um dos mais conhecidos.

Recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais por suas atividades de pesquisa, foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Não o conheci, mas sua filha esteve uma vez em casa sem que eu soubesse quem era, é casada com o Odônio dos Anjos, um amigo que conheci na prefeitura de Jaboticabal. Ferreira faleceu em 2016 e sua residência, num bairro de classe média alta de Ribeirão Preto, foi adquirida recentemente pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU/SP) para instalar seu Escritório na região de Ribeirão Preto.

Fui conhecer. Trata-se de um imóvel histórico, tombado pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto, planejado para abrigar a família do cientista. Um exemplar da "Arquitetura Brutalista" paulista, o projeto foi pioneiro para sua época, principalmente devido a total liberdade que o casal Sérgio-Clotilde deu ao arquiteto João Batista Martinez Correia, irmão de Zé Celso e Luiz Antônio, os diretores de teatro araraquarenses que estão inscritos na história do teatro brasileiro por suas criações.

Mesmo com um orçamento restrito, o terreno amplo permitiu a criação de uma casa espaçosa, que enfatiza a integração harmoniosa de espaços e setores internos. Os revestimentos trazem inspirações brutalistas por meio de instalações aparentes, destacando o uso de tijolos queimados aparentes e a união de estruturas de concreto com as alvenarias para impedir o surgimento de fissuras. Devido às altas temperaturas de Ribeirão Preto, a casa foi erguida com pé direito alto e lanternim na cobertura para saída de ar quente pelo teto, garantindo melhor conforto térmico no interior da residência. As portas dos quartos foram equipadas com venezianas, permitindo que fiquem abertas durante todo dia para uma melhor circulação do vento.

Alguém escreveu que as condições de Ribeirão Preto também orientaram a identidade visual da residência, com o uso de tijolos vermelhos e lajotas no piso que se assemelham à tradicional terra avermelhada da região, mas essa foi uma característica de toda a região. Na cobertura, as calhas nas extremidades contaram com instalação de gárgulas que redirecionam as águas pluviais para o canal de drenagem.

Pude conhecer de perto as soluções do projeto e posso dizer que várias obras na região possuem essas mesmas características, seu tombamento importa mais pelo casal que ali viveu. Circulando pela nova sede do CAU, fiquei pensando na vida cotidiana de Sérgio e Clotilde, dois professores que viveram o sonho de construir um lar e uma família naquele lugar, agora com novo e nobre uso, ao mesmo tempo em que pensei como não valorizamos e desconhecemos nossos conterrâneos e a arquitetura de qualidade.

Mauro Ferreira é arquiteto